

O CETICISMO DE GEORGE BERKELEY NA LEITURA DE THOMAS REID

*Vinicius França Freitas*¹

(Universidade Federal de Minas Gerais)

Meu objetivo é discutir a interpretação apresentada por Thomas Reid (1710-1796) da filosofia imaterialista de George Berkeley (1685-1753), o Bispo de Cloyne. Mais especificamente, pretendo avançar duas hipóteses a esse respeito. Em primeiro lugar, procuro mostrar em que medida a filosofia berkeleyana é, para Reid, cética. Esta hipótese precisa ser esclarecida na medida em que o próprio Bispo de Cloyne se declara anticético. O próprio Reid, em algumas passagens, ademais, parece sugerir que Berkeley não é cético. Em segundo lugar, procuro argumentar que Reid está correto ao atribuir a Berkeley a noção de ‘ideia’ como uma entidade distinta da mente e de suas operações. Há intérpretes que sugerem que Reid estaria errado em atribuir a noção de ‘ideia’ – como objeto distinto da mente – a grande parte dos autores modernos a quem ele a teria atribuído – por exemplo, a René Descartes (1590-1650), Nicolas Malebranche (1638-1715) e John Locke (1632-1704). Argumento para mostrar que, no caso de Berkeley, Reid está correto.

Desenvolvo a discussão deste artigo a partir da leitura de passagens de duas obras de Reid – *Uma investigação sobre a mente humana segundo*

¹ Residente pós-doutoral (PNPD / CAPES) na Universidade Federal de Minas Gerais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8304-4732>

E-mail: ffvinicius@yahoo.com.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Agradeço a Carlota Salgadinho Ferreira pelos valiosos comentários à primeira versão desse trabalho.

os *princípios do senso comum* (1997)² e os *Ensaio sobre os poderes intelectuais do homem* (2002)³ – e de passagens de duas obras de Berkeley sobre as quais Reid se detém mais sistematicamente ao considerar a filosofia berkeleyana⁴ – o *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano* (2008)⁵ e os *Três diálogos entre Hylas e Philonous* (2008)⁶.

1.^a Hipótese: o ceticismo de Berkeley na leitura de Reid

O propósito que motiva o desenvolvimento da filosofia de Berkeley, segundo o próprio autor, é responder ao ceticismo e ao ateísmo, descobrindo os princípios que permitem o desenvolvimento do ceticismo na filosofia⁷. A seu ver, a tese filosófica da ‘dupla existência’, a distinção entre ‘aparência’ e ‘realidade’, lança dúvidas sobre a capacidade humana de conhecer a verdade. A mente humana perceberia ideias que seriam imagens – aparências – de objetos materiais externos – realidade. O ceticismo, deste modo, surgiria da hipótese de que há um mundo de objetos materiais distinto das ideias que a mente percebe:

No que se refere às ideias ou a coisas não pensantes, nosso conhecimento delas tem sido muito obscurecido e confundido, e fomos levados a erros muito perigosos ao supor uma dupla existência dos objetos dos sentidos: uma ‘inteligível’ ou na mente, outra ‘real’ e fora da mente, pela qual se considera que as coisas não pensantes têm uma subsistência natural própria, diferente da de ser percebida por espíritos. Noção essa que, se não me engano, mostrei ser a mais infundada e absurda, é a verdadeira

² Publicada originalmente em 1764. Doravante, apenas *Investigação*.

³ Publicados originalmente em 1785. Doravante, apenas *Poderes intelectuais*.

⁴ Reid sugere que leu também o texto de *Um ensaio para uma nova teoria da visão* (1709), afirmando, no entanto, que o sistema imaterialista de Berkeley é construído principalmente naqueles outros dois textos. Segundo Reid, no *Nova teoria da visão*, Berkeley “não teria ido além de afirmar que os objetos da visão não são nada senão ideias na mente, garantindo, ou ao menos não negando, que há um mundo tangível que é realmente externo e que existe, sendo ele percebido ou não” (2002, p. 139).

⁵ Publicado originalmente em 1710. Doravante, apenas *Princípios do conhecimento humano*.

⁶ Publicado originalmente em 1713. Doravante, apenas *Três diálogos*.

⁷ Como se pode notar da leitura da própria ‘Introdução’ dos *Princípios do conhecimento humano*: “meu propósito é, portanto, tentar descobrir os princípios que introduziram todas essas dúvidas e incertezas, esses absurdos e contradições nas diversas seitas filosóficas, a tal ponto que os homens mais sábios chegaram a pensar que a nossa ignorância é incurável, imaginando que ela surge da fraqueza e da limitação natural das nossas faculdades” (BERKELEY, 2008, p. 35).

raiz do ‘ceticismo’ pois, enquanto o homem pensava que as coisas reais subsistiam fora da mente, e que seu conhecimento era ‘verdadeiro’ somente à medida que correspondesse às ‘coisas reais’, seguia-se que nunca podia estar certo de possuir um conhecimento verdadeiro, afinal, como se poderia saber que as coisas percebidas correspondem às que não são percebidas ou que existem fora da mente? (BERKELEY, 2008, p. 114)

A partir da suposição de que existem na mente imagens de coisas reais, o conhecimento da realidade estaria sempre ameaçado, pois não seria possível estar certo sobre a correspondência entre a aparência e a realidade⁸. Portanto, para Berkeley, enfrentar o ceticismo é romper com a teoria representacionista da percepção⁹. A tese imaterialista de Berkeley sobre a existência limitar-se ao que é percebido – sintetizada pela fórmula *esse est percipi* – surgiria como uma resposta ao ceticismo: antes de se lançar dúvidas sobre a correspondência entre aparências e realidade, nega-se a tese da dupla existência tornando as ideias as únicas realidades existentes. O aparente torna-se realidade e, conseqüentemente, elimina-se a dúvida acerca do que se pode conhecer da realidade.

É notável que nos primeiros anos de sua recepção, a filosofia berkeleyana foi compreendida como cética. Harry Bracken – em sua história da recepção do pensamento berkeleyano – atribui ao teólogo alemão Christoph Matthaeus Pfaff (1686-1760) a responsabilidade por ter sido o primeiro a chamar Berkeley não apenas de ‘idealista’ como também de ‘cético’ (1959, p. 20).

⁸ Algo semelhante também está presente nos *Três diálogos*: “pode existir algo mais fantástico e extravagante do que as noções que você agora sustenta? E não é evidente que você está sendo levado a essas extravagâncias pela sua crença numa ‘substância material’. Isso faz com que você veja naturezas desconhecidas em tudo. É isso que leva você a distinguir entre a realidade e a aparência sensível das coisas. É a isso que você está obrigado por ignorar que todo mundo conhece perfeitamente bem. E isso ainda não é tudo: você não só ignora a verdadeira natureza de todas as coisas, mas não sabe se algo realmente existe, ou se existem algumas naturezas verdadeiras quaisquer que sejam, uma vez atribui aos seus seres materiais uma existência independente e externa, na qual você supõe que sua realidade consista” (2008, p. 264).

⁹ A. A. Luce diz sobre este ponto: Berkeley “rompe com o representacionismo; pois a ‘coisa’ e a ‘ideia da’ coisa são pressuposições operantes do representacionista, surgindo seu compreensão equivocada dos processos perceptivos. [...] A ‘ideia de’, como um para-brisa na névoa, interpõe-se entre a mente e seus objetos. Pois, se vejo com meus olhos uma ‘ideia de’ árvore e não a própria árvore, se eu toco com a minha mão uma ‘ideia de’ uma pedra e não a própria pedra, a percepção falha. Estou sendo enganado. Tenho lidado com cópia. Estou lidando com os piores tipos de cópia – cópias que nunca poderão ser comparadas com seu original. Se tal é o verdadeiro padrão dos sentidos-percepção; o homem deve se resignar com um mundo de sombras, e deve ‘sentar-se abandonado sobre um ceticismo’” (1953, p. 3).

Após de Pfaff, diversos autores também compreenderam a filosofia do Bispo de Cloyne como cética¹⁰. Mesmo Hume, que aos olhos de Reid, seria o mais radical dos céticos da modernidade, reconheceu o que, a seu ver, seria o imenso valor das ‘lições de ceticismo’ berkelianas¹¹. Nas palavras de Richard Popkin (1997), Berkeley foi, aos olhos de seus contemporâneos e de uma maneira quase unânime, um ‘cético, a seu pesar’¹².

Para Reid, Berkeley também é cético. A seguinte passagem expressa, de modo conciso e bastante claro a compreensão que Reid tem das teses berkelianas sobre o mundo material:

Ele mantém e pensa ter demonstrado, [...], que não há tal coisa como a matéria no universo, que o sol e a lua, a terra e o mar, nossos próprios corpos e aqueles de nossos amigos não são senão ideias nas mentes daqueles que neles pensam, de modo que eles não têm existência quando não são objetos do pensamento e que tudo que há no universo pode ser reduzido a duas categorias, a saber, mentes e ideias na mente (REID, 2002, p. 138).

Tal como Reid o compreende, o princípio *esse est percipi* não é uma alternativa filosófica que impede o ceticismo sobre o conhecimento dos objetos do mundo material. Esta interpretação, contudo, precisa ser justificada. Além de Berkeley ser autodeclaradamente anticético, há quem dela discorde. Segundo Popkin, Reid teria sido um dos únicos a reconhecer os esforços de Berkeley para evitar o ceticismo. Reid teria compreendido que o imaterialismo berkeliano era uma alternativa à posição cética acerca

¹⁰ Segundo Richard Popkin (1997), na lista de autores que leram Berkeley como um cético se encontram Pierre Louis Morreau Maupertuis, Andrew Michael Ramsay, Jean-Pierre Crousaz, Jean Jacques Rousseau, Denis Diderot, Étienne Bonnot de Condillac, Jean-Pierre Changeux (1997, pp. 174-77), Anne Robert Jacques Turgot e Jacques Pierre Brissot (1997, pp. 180-182).

¹¹ Como se nota neste comentário apresentado na seção XII de *Uma investigação acerca do entendimento humano*: “a maior parte dos escritos desse autor [Berkeley] extraordinariamente habilidoso compõe as melhores lições de ceticismo que se pode encontrar entre os filósofos antigos ou modernos, incluindo Bayle. Ele declara, entretanto, na folha de rosto (e sem dúvida com grande sinceridade), ter composto seu livro contra os céticos, bem como contra os ateus e os livres-pensadores. Mas todos seus argumentos, embora visem a outro objetivo, são, na realidade, meramente céticos, o que fica claro ao se observar ‘que não admitem nenhuma resposta e não produzem nenhuma convicção’. Seu único efeito é causar aquela perplexidade, indecisão e embaraço momentâneos que são o resultado do ceticismo (2004, p. 210).

¹² “Berkeley foi frequentemente interpretado por seus contemporâneos, primeiro nas Ilhas Britânicas e depois na França, como sendo um *sceptique, malgré lui*” (1997, p. 175).

da existência de objetos materiais externos¹³. De fato, passagens da obra reidiana parecem sustentar a interpretação de Popkin. Por exemplo, na ‘Conclusão’ da *Investigação*, Reid observa: “portanto, vemos que Descartes e Locke tomaram a estrada que conduz ao ceticismo sem conhecer o seu fim. Contudo, eles pararam por falta de luz para levá-los mais longe. Berkeley, amedrontado pela aparência do terrível abismo, começa à parte e o evita” (REID, 1997, p. 213). Hume, não Berkeley, seria a origem do ceticismo no século XVIII: “observe que o ceticismo moderno é uma consequência natural do novo sistema e que, embora esse monstro não tenha surgido senão em 1739 [ano de publicação dos dois primeiros livros do *Tratado da natureza humana*], pode-se dizer que ele foi carregado em seu ventre desde o início” (REID, 1997, p. 210).

A meu ver, para justificar aquela interpretação, é preciso compreender que, para Reid, Berkeley é cético não em virtude de uma dúvida genuína sobre a fiabilidade epistêmica das faculdades mentais. Ele acredita na capacidade humana de conhecer a verdade¹⁴. Berkeley não coloca em questão as crenças sobre o mundo material em razão de uma dúvida sobre as faculdades às quais elas são devidas. Ele não questiona os sentidos como fonte segura de conhecimento sobre o mundo material, como o cético que duvida dos sentidos¹⁵. *Esse est percipi* é uma conclusão cética na medida em que ela é baseada, para Reid, sobre um princípio filosófico fundamentalmente cético. Berkeley é cético em virtude da adoção do ‘princípio ideal’. O Bispo de Cloyne

¹³ “Reid viu Berkeley como se ele tentasse evitar o ceticismo ao invés de desenvolvê-lo. Ele pintou Berkeley como o primeiro a mostrar que os sistemas de Descartes, Locke e Malebranche levavam inevitavelmente ao ceticismo. Contudo, a resposta do próprio Berkeley, imaterialismo ou idealismo, embora eliminando uma falha básica dos sistemas anteriores, contém problemas que Hume também disseminou como conduzindo ao ceticismo” (1997, p. 183).

¹⁴ “Deveríamos acreditar que Deus tratou os filhos dos homens de uma forma mais generosa e, portanto, não que lhes deu um forte desejo de conhecimento e colocou esse conhecimento completamente fora de seu alcance. Isso não estaria de acordo com os métodos usuais e indulgentes da Providência, [...]” (2008, p. 35).

¹⁵ Deste tipo é a dúvida de Descartes sobre a verdade das crenças dos sentidos na primeira meditação das *Meditações sobre filosofia primeira* (2004). Com efeito, o filósofo afirma: “suporei, portanto, que não há um Deus ótimo, fonte soberana da verdade, mas algum gênio maligno e, ao mesmo tempo, sumamente poderoso e manhoso, que põe em toda sua indústria em que me engane: pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas externas nada mais são do que ludibrios dos sonhos, ciladas que ele estende à minha credulidade. Pensarei que sou eu mesmo desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, de sentido algum, mas tenho a falsa opinião de que possuo tudo isso” (2004, pp. 31-32).

[...] não era amigo do ceticismo, pois tinha aquela calorosa preocupação com os princípios religiosos e morais que se tornaram sua ordem. Contudo, o resultado de sua investigação foi uma séria convicção de que não há tal coisa como um mundo material, que não há nada na natureza senão espíritos e ideias e que a crença em substâncias materiais e em ideias abstratas são as principais causas de todos os nossos erros em filosofia e de toda a infidelidade e heresia na religião (REID, 1997, pp. 19-20).

O ceticismo de Berkeley, deste modo, é uma forma de ceticismo ‘involuntário’ ou ‘acidental’, decorrente da adoção de um princípio filosófico cético.

Os raciocínios desenvolvidos a partir deste princípio, em algum momento da investigação filosófica, conduzem inevitavelmente ao ceticismo. Reid concebe a história da filosofia moderna à maneira de uma ‘ladeira escorregadia’¹⁶, de modo que, ao término da descida, encontra-se o que, a seu ver, é a mais radical forma de ceticismo. O desenvolvimento da filosofia a partir do princípio ideal – as ideias, não os objetos externos, são os objetos imediatos das operações da mente – é o fio-condutor desta compreensão¹⁷:

Todos eles [os filósofos] supõem que percebemos os objetos externos não imediatamente e que os objetos imediatos da percepção são apenas certas sombras de objetos externos. Estas sombras ou imagens que percebemos imediatamente foram chamadas pelos antigos de ‘espécies’, ‘formas’, ‘fantasmas’. Desde os tempos de Descartes, no entanto, elas são comumente chamadas ‘ideias’ e, pelo Sr. Hume, ‘impressões’. Contudo, todos os filósofos, [...], concordam nisso: que nós não percebemos os objetos externos imediatamente e que os objetos imediatos da percepção devem ser alguma imagem presente à mente (REID, 2002, p. 105).

O princípio a partir do qual a filosofia é desenvolvida nos séculos XVII e XVIII, no entanto, é fundamentalmente cético:

O sistema do entendimento humano de Descartes, que peço permissão para chamar ‘o sistema ideal’, com algumas melhorias realizadas mais tarde pelos autores, e que agora é, em geral, aceito, possui um defeito original: ‘o ceticismo está incrustado nele e se desenvolve junto a este sistema’ [grifo meu] (REID, 1997, p. 23).

¹⁶ Sobre a leitura da ladeira escorregadia de Reid, ver Philip de Bary (2002, pp. 90-104).

¹⁷ Sobre a compreensão reidiana da teoria das ideias e suas dificuldades historiográficas, ver John Greco (1995, pp. 281-285).

De acordo com um princípio filosófico assumido por estes, todos acabam por descer uma ladeira rumo ao ceticismo que encontra sua forma mais extrema em Hume:

O ceticismo estava pronto para precipitar-se sobre Descartes tão logo ele começou a cavar nesta mina, contudo, ele fez o que pôde para impedir sua entrada. Malebranche e Locke, cavando mais fundo, encontraram dificuldade de manter afastado este inimigo que crescia ainda mais, trabalhando honestamente, no entanto, neste designio. Berkeley, em seguida, continuando o trabalho e, desencorajado de assegurar tudo, lembrou-se de um recurso: ao desistir do mundo material, pensando poder dispensá-lo sem perda e mesmo com vantagem, esperou por esta divisão inexpugnável assegurar o mundo dos espíritos. Contudo, ai [*alas!*], o *Tratado da natureza humana* destruiu voluntariamente os alicerces dessa partição e afogou tudo em um dilúvio universal (*Ibid.*, p. 23).

De acordo com a compreensão reidiana, com Malebranche, a existência do mundo externo tornou-se uma questão de religião¹⁸; com Descartes e Locke, a existência das qualidades secundárias foi colocada em questão. Coube a Berkeley notar sagazmente que o que Descartes e Locke disseram das qualidades secundárias deveria ser igualmente dito das qualidades primárias: “o Bispo Berkeley avançou um passo além e descobriu, por um raciocínio exato a partir dos mesmos princípios [dos autores do sistema ideal], que a extensão, solidez, espaço, figura e corpo são ideias e que não há nada na natureza que não sejam ideias e espíritos” (*Ibid.*, p. 34). Com o sistema de Berkeley, fundado sobre o princípio ideal, a filosofia do conhecimento dos séculos XVII e XVIII atinge uma de suas mais radicais conclusões céticas, ainda que involuntaria ou acidentalmente. Para alcançar o ceticismo absoluto à maneira de Hume, falta a Berkeley apenas desferir o último ataque, a saber, a existência de mentes no universo¹⁹.

¹⁸ Reid nota: “é óbvio que aquele sistema de Malebranche não deixa nenhuma evidência a partir do que percebemos pelos sentidos para a existência do mundo externo. [...] Malebranche foi muito perspicaz para não discernir esta consequência em seu sistema e muito cândido para admiti-la: ele é justamente responsável por isso [por essa descoberta] e esforçou-se para disso se aproveitar, deixando a evidência completa que temos da existência da matéria sobre a autoridade da Revelação” (2002, p. 110).

¹⁹ “Contudo, em relação à existência de espíritos ou mentes, ele não admite a consequência. E se ele a tivesse admitido, ele teria sido um cético absoluto. Como ele evita essa consequência em relação à existência dos espíritos? O expediente que o bom Bispo usa nessa ocasião é muito notável e mostra sua grande aversão ao ceticismo” (REID, 1997, pp. 212-213).

Portanto, o ceticismo berkeliano, aos olhos de Reid, não é voluntário. Não obstante seus esforços para combater as conclusões céticas advindas da aceitação da tese da dupla existência, da separação entre aparência e realidade, o princípio de seu sistema, segundo Reid, não o permitiria superar o ceticismo sobre a existência do mundo material. *Esse est percipi* é uma conclusão cética decorrente de um princípio que é, por sua natureza, cético, o princípio de que as ideias são os objetos imediatos das operações da mente humana. O ceticismo berkeliano, aos olhos de Reid, portanto, decorreria mais da adoção de um princípio filosófico do que de uma dúvida sobre as capacidades da mente.

2.^a Hipótese: a noção berkeliana de ‘ideia’ segundo Reid

Há uma questão fundamental sobre esta interpretação reidiana da filosofia de Berkeley, sintetizada pela seguinte pergunta: o Bispo de Cloyne de fato assume, em seu sistema, o princípio ideal tal qual concebido por Reid? Os *Princípios do conhecimento humano* iniciam-se com uma afirmação sobre as ideias e os objetos do conhecimento humano que parecem sustentar a compreensão de Reid:

É evidente a qualquer um que faça um levantamento dos objetos do conhecimento humano que estes são ou ideias realmente impressas nos sentidos ou então ideias como as percebidas quando prestamos atenção nas paixões e operações da mente, ou, finalmente, ideias formadas com a ajuda da memória e da imaginação, seja combinando, dividindo, seja simplesmente representando as ideias originalmente percebidas das maneiras mencionadas (BERKELEY, 2008, p. 57).

Contudo, passagens como esta não são suficientes para admitir a correção da interpretação reidiana. Um exame mais atento da questão exige uma compreensão mais acurada do modo como Reid entende a noção de ‘ideia’, não apenas em Berkeley, mas também no sistema ideal.

A noção de ‘ideia’ combatida por Reid não diz respeito a um ato da mente. Sua crítica incide sobre a ideia como objeto distinto das operações mentais: “a palavra ideia de acordo com o seu significado filosófico não significa um ato da mente que chamamos pensamento ou concepção, mas algum objeto do pensamento” (2002, p. 28). Isto é, no sistema ideal, ideia é uma entidade mental distinta tanto da mente quanto de suas operações²⁰. Nos dizeres de

²⁰ John Greco apresenta rigorosa e detalhadamente todas as teses que Reid associa para conceber uma noção de ‘teoria comum das ideias’ ou ‘sistema ideal’. Em um sentido

Philip de Bary, para Reid, os autores do sistema ideal ‘reificaram’ as ideias, tornando-as existências que não são identificáveis com as operações da mente (2002, p. 105). Para que a interpretação reidiana de Berkeley seja pertinente, é preciso, portanto, que Berkeley tenha entendido as ‘ideias’, objetos do conhecimento, como entidades distintas das operações mentais.

Encontro ao menos três passagens nos *Princípios do conhecimento humano* que justificam a interpretação reidiana. Na primeira delas, Berkeley diz:

Mas, além de toda essa interminável variedade de ideias ou objetos do conhecimento, existe também algo que os conhece ou percebe e que executa diversas operações relativamente a eles, como querer, imaginar ou recordar. Esse ser ativo, perceptivo, é o que chamo de ‘mente’, ‘espírito’, ‘alma’, ou ‘eu’. Por meio destas palavras não denoto nenhuma de minhas ideias, mas algo inteiramente diferente delas, [...] (BERKELEY, 2008, p. 58).

Na segunda passagem, o filósofo nota: “‘coisa’ ou ‘ser’ é o nome mais geral de todos, compreendendo duas espécies inteiramente diferentes e heterogêneas, e que nada têm em comum senão o nome, a saber, ‘espíritos’ e ‘ideias’” (*Ibid.*, pp. 115-116). Por fim, na terceira passagem:

‘Espíritos’ e ‘ideias’ são coisas tão completamente diferentes que, quando dizemos: ‘elas existem, elas são conhecidas’, ou algo assim, não devemos pensar que essas palavras significam alguma coisa comum a ambas as naturezas. Entre elas, nada há de semelhante ou comum a ambas as naturezas (*Ibid.*, p. 154).

Nestas três passagens, parece é evidente que Berkeley separa as noções de ‘mente’ e ‘ideia’ de um ponto de vista ontológico. Ambas são existências inteiramente diferentes. Mentes e ideias são realidades heterogêneas. Diante de passagens como estas, sugiro que Reid acertadamente atribui a Berkeley a noção de ‘ideia’ como, a seu ver, está presente no sistema ideal.

A interpretação de que Berkeley entende as ideias como entidades distintas das operações da mente parece unânime entre seus intérpretes:

mais amplo, a teoria das ideias envolveria teses que, de modo rigoroso, não poderiam ser atribuídas a todos os filósofos modernos (1995, pp. 281-285). Contudo, o coração da teoria das ideias seria a tese sobre a existência de ideias como entidades distintas das operações da mente.

Arthur A. Luce²¹ (1953), George Pitcher²² (1969), David Raynor²³ (1987) e Phillip Cummins²⁴ (1989) são exemplos de autores que o compreendem desta forma. Apenas o primeiro deles, no entanto, discute a questão no âmbito da interpretação reidiana. Surpreendentemente, Luce ataca a compreensão reidiana sem suspeitar, no entanto, que ambos – a meu ver – estão de acordo:

Os pensadores escoceses de mais cedo entenderam a ideia berkeliana como uma ideia representativa. Reid ditou a moda. Ele diz que foi um berkeliano em sua juventude, sendo usualmente contido em suas críticas. Contudo, ele formalmente classifica a ideia berkeliana com aquelas de Malebranche e Locke, [...]. A ideia berkeliana dos sentidos não é representacionista, pois não há nada que ela possa representar. A situação perceptiva, como Berkeley a vê, ocorre em dois termos, não três. Os fatos são o percipiente e o perceptivo, e não há nada mais. Sua ideia dos sentidos é uma ideia-coisa, não uma ideia de uma coisa (LUCE, 1953, p. 08).

²¹ Luce diz: “tais ideias não são mentais. O que quer que você queira dizer com ‘mental’, uma maçã é constituída por suas cores, gostos, cheiros, etc., não é uma maçã mental. A ideia berkeliana do sentido ‘advém’ e ‘está’ na mente de Deus, e ‘para’ e (às vezes) ‘na’ mente do homem, mas não é mental. Não é um constituinte da mente, divina ou humana. É o ‘outro’ não-mental da mente. Pedras e madeiras não são mais constituintes da mente, para Berkeley, do que a mente constitui pedras e madeiras” (LUCE, 1953, p. 03).

²² O intérprete diz: “nesta interpretação, uma ideia não é um elemento ontológico na composição da mente. Sem dúvida, Berkeley diz, como visto [no segundo parágrafo da parte I dos *Princípios do conhecimento humano*], que ideias existem na mente, contudo, ele adiciona que ele quer dizer com isso que ideias são percebidas pela mente e que é consistente com a suposição de que as ideias não são parte de uma composição metafísica das mentes” (1969, p. 199).

²³ Em sua discussão sobre o caráter realista da filosofia de Berkeley, Raynor nota: “as completamente passivas ideias são (A) ‘inteiramente distintas’ das mentes ativas e (B) existem em Deus quando não são percebidas por seres humanos. [...] Mas (A) não é tanto uma concessão em favor do realismo, uma vez que, para Berkeley, ‘todas’ as ideias são ‘em sua natureza’ ‘inteiramente distintas’ das mentes” (1987, p. 612).

²⁴ Cummins diz: “O imaterialismo dualista oficial de Berkeley é baseado sobre uma forma de idealismo que é fundada, por sua vez, sobre um monismo de percipientes (mentes, ou espíritos). Imaterialismo, no caso de Berkeley, é a negação de substâncias materiais. Ele é produto de duas teses, primeiro, nenhum objeto sensível é uma substância e, segundo, não há nenhuma substância não-sensível ou não-percipiente. É dualista porque Berkeley postula sensíveis não-percipientes e percipientes não-sensíveis como tipos fundamentais” (1989, p. 15).

Um dos equívocos da leitura de Reid, segundo Luce, teria sido o de ter interpretado Berkeley como se ele fosse um representacionista. No entanto, sugiro que ambos, Reid e Luce, estão muito próximos em suas interpretações.

Reid – como procurei mostrar – e Luce entendem que ideias, em Berkeley, são objetos distintos das operações da mente. Luce entende que Berkeley rompe com uma teoria representacionista da percepção – a teoria de que as ideias seriam imagens de objetos materiais. A meu ver, como Luce, Reid também parece entender o sistema de Berkeley neste sentido, como um rompimento com a teoria de que ideias são representações de objetos materiais. Ainda que alguns autores tenham entendido as ideias como imagens, segundo Reid, logo elas se tornaram os próprios objetos externos – isto é, deixam de representar objetos para serem elas mesmas os objetos:

As ideias parecem ter em sua natureza algo de hostil às outras existências. Elas foram introduzidas na filosofia primeiramente, na humilde condição de imagens ou representações das coisas. Nesta condição elas pareciam não somente inofensivas como também pareciam servir admiravelmente bem para explicar as operações do entendimento. Mas desde que os homens começaram a raciocinar clara e distintamente sobre elas, as ideias suplantaram gradualmente seus constituintes, minando a existência de todas as coisas menos a delas próprias (REID, 1997, pp. 33-34).

Reid compreende que, em algum momento da história do sistema ideal, as ideias deixaram de ser representações. Este momento, se minha interpretação está correta, acontece justamente com a filosofia berkeleyana. O Bispo de Cloyne mostra que, a partir do princípio ideal, que é possível supor apenas a existência de mentes e ideias: “ele conclui [...] que há uma forte base para acreditar que não há nenhuma existência na natureza senão mentes, sensações e ideias. Se há qualquer outro tipo de existência, deve ser aquilo que não temos ou não podemos ter uma concepção” (*Ibid.*, 1997, p. 75). Isto é, para Reid, Berkeley é quem teria raciocinado sobre as ideias de modo a minar a existência dos objetos externos, isto é, rompendo com a teoria representacionista e assumindo que, no Universo, existem apenas mentes e ideias.

Concluo notando que esta seção pretende ser uma contribuição à discussão, presente na literatura secundária, acerca da pertinência da interpretação reidiana da noção de ‘ideia’ nos autores modernos. Ela pretende lançar luzes sobre um ponto que, tanto quanto sei, mereceu pouca – ou nenhuma – atenção dos intérpretes, que parecem ter-se interessado

mais pela discussão da questão no que diz respeito aos pensamentos de Descartes, Malebranche e Locke. Minha hipótese pretende preencher o que considero ser uma lacuna na literatura secundária. Acredito ter encontrado passagens no texto berkeliano que justifiquem a interpretação reidiana de que, para o Bispo de Cloyne, as ideias são entidades distintas das operações da mente. Steven Nadler²⁵ (1989), Nicholas Wolterstorff²⁶ (2001) e Philip De Bary²⁷ (2002) discutem o tema da pertinência da visão reidiana da noção de ideia entre os autores modernos sem considerarem mais detalhadamente a visão de Reid sobre Berkeley. Jonh Yolton (1984), por sua vez, ainda que interessado pelo tema da leitura reidiana dos autores do sistema ideal²⁸, discute apenas marginalmente a questão

²⁵ Nadler questiona a compreensão reidiana: “uma das teses deste estudo sobre Arnauld é que tal leitura do pensamento do século XVII sobre as ideias e o conhecimento está errada. Poucos dos filósofos indicados por Reid, Rorty, *et al.* mantiveram a visão da mente humana que Rorty [influenciado pela visão de Reid] sugeriram. Tampouco eles encararam tal visão muito seriamente. Por exemplo, Malebranche, cuja doutrina das ideias parece mais próxima à teoria caricaturada por Rorty [e Reid], foi duramente julgado por Arnauld, Locke e Régis (todos por razões diferentes) por propor tal visão ‘absurda’. Para muitos destes pensadores modernos, as ideias são atos da mente, não objetos [...]” (1989, p. 09). Nadler, no entanto, não se pronuncia sobre Reid e sua compreensão de Berkeley.

²⁶ Na verdade, reconheço que Wolterstorff, ainda que faça referências à pertinência da interpretação de Reid da noção de ‘ideia’ nos autores do sistema ideal, não discute a questão em mais detalhes: “não quero investigar a pergunta histórica se Reid fez justiça aos seus predecessores ao lhes atribuir este sistema de pensamento, embora seja minha visão que Reid de fato capturou o movimento fundamental de suas linhas de pensamento, concedendo também que ele tendeu a ignorar os desacordos entre aqueles que a ele aderem [ao sistema ideal]. Quando comparado à fina textura das exposições particulares, a formulação de Reid é frequentemente idealizada e estereotipada” (2001, p. 24). Ainda assim, Wolterstorff faz menções à noção de ideia em Locke e Hume, por exemplo, como entidades distintas das operações da mente (2001, p. 28), tal como Reid parece ter suposto. Sobre Berkeley, no entanto, nenhuma referência.

²⁷ De Bary, em um capítulo em que pretende defender Reid da acusação de ter enfrentado um ‘homem de palha’ – isto é, a acusação de que nenhum filósofo a quem Reid atribuiu a teoria das ideias de fato a teria defendido –, discute os pensamentos de Descartes (2002, pp. 106-14), Malebranche e Arnauld (pp. 114-22) e Locke (2002, p. 122-25) sem se ocupar em verificar se Reid tem razão em sua interpretação de Berkeley.

²⁸ Yolton é um dos intérpretes que lança dúvidas sobre a interpretação de Reid da história da filosofia moderna: “um cuidadoso exame dos escritos de Locke, Descartes e seus seguidores, e de muitos outros autores do século XVIII britânico até Reid, revela outros aspectos das ideias e das análises do contato [*acquaintance*] perceptivo que sugerem uma interpretação alternativa daqueles textos. Encontraremos razões para lançar consideráveis dúvidas sobre a exatidão histórica de Reid” (1984, p. 05). Em sua interpretação, Reid estaria errado em sua compreensão dos pensamentos de alguns autores: “devemos corrigir a interpretação reidiana de Descartes, Arnauld, Locke e outros. Ele atribuiu o conceito errado de ideia para a maioria daqueles na tradição da via

da interpretação de Reid no que diz respeito ao sistema de Berkeley – seu principal interesse é discutir a teoria ótica do Bispo de Cloyne: “a negação de Berkeley de ideias como modos da mente é um lembrete forçoso de que ele está trabalhando com a tradição cartesiana, tentando encontrar um modo de dizer que as ideias ‘são’ as coisas elas mesmas que existem, isto é, [as próprias coisas] conhecidas pela mente²⁹” (1984, p. 135). Yolton, ainda que este não seja seu propósito, parece estar do lado da adequação da interpretação reidiana. Haja vista os poucos trabalhos a este respeito, esta seção pretende contribuir para este debate sobre a compreensão reidiana da filosofia de Berkeley.

Referências

- BERKELEY, G., *Obras filosóficas*, Jaimir Conte (tradutor), São Paulo: Unespe, 2008.
- BERMAN, D., The Distrustful Philosopher: Berkeley Between the Devils and the Deep Blue sea of Faith, In: *George Berkeley: Religion and Science in the Age of Enlightenment*, Silvia Parigi (editora), Dordrecht, Heidelberg, London e New York: Springer, 2010, pp. 141-158.
- BRACKEN, H., *The Early Reception of Berkeley's Immaterialism (1710-1733)*, Países Baixos: Martinus Nijhoff – The Hague, 1959.
- CUMMINS, P., Berkeley's Unstable Ontology, In: *The Modern Schoolman*, Volume LXVII, número 1, 1989, pp. 15-32.
- DE BARY, P., *Thomas Reid and Scepticism: his Reliabilist Response*, London and New York: Routledge, 2002.
- DESCARTES, R., *Meditações sobre filosofia primeira*, Edição bilíngüe, Fausto Castilho (tradutor), Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- GREGO, J., Reid's Critique of Berkeley and Hume: What's the Big Idea? In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Volume LV, número 2, 1995, pp. 279-296.

das ideias. O representacionalismo e o conseqüente ceticismo que ele encontrou naquela tradição adequam-se mais a Malebranche e seus poucos seguidores britânicos, para quem as ideias são objetos especiais que poderiam ser vistos como intervindo entre os objetos e os percipientes” (1984, p. 15).

²⁹ No original: “Berkeley's denial of ideas as modes of mind is a forceful reminder that he is working within the Cartesian tradition, trying to find a way to say that ideas *are* the things themselves in, i. e. cognized by, the mind”.

- HUME, D., *Investigações sobre o Entendimento Humano e sobre os Princípios da Moral*, José Oscar de Almeida (tradutor), São Paulo: Editora UNESP – Imprensa Oficial do Estado, 2004.
- LUCE, A., The Inaugural Address: The Berkelian Idea of Sense, In: *Proceeding of the Aristotelean Society, Supplementary Volumes*, Volume XXVII, 1953, p. 01-20.
- NADLER, S., *Arnauld and the Cartesian Philosophy of Ideas*, Manchester: Manchester University Press, 1989.
- PITCHER, G., Minds and Ideas in Berkeley, In: *American Philosophical Quarterly*, Volume VI, número 3, 1969, pp. 198-207.
- POPKIN, R., Berkeley in the History of Scepticism, In: *The Scepticism in the Enlightenment*, Richard Popkin, Ezequiel de Olaso e Giorgio Tonelli (editors), Berlin: Springer-Science + Business Media, B.V., 1997, pp. 173-186.
- RAYNOR, D., Berkeley's Ontology, In: *Dialogue*, Volume XXVI, número 04, 1987, pp. 611-620.
- REID, T., *Essays on the Intellectual Powers of Man*, Derek Brookes (editor), Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.
- _____, *Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense*, Derek Brookes (editor), Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997.
- YOLTON, J., *Perceptual Acquaintance from Descartes to Hume*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- WOLTERSTORFF, N., *Thomas Reid and the Story of Epistemology*, New York, Cambridge University Press, 2001.

RESUMO

O artigo avança duas hipóteses sobre a interpretação de Thomas Reid do sistema imaterialista de George Berkeley. Primeiramente, defende-se que, para Reid, Berkeley é cético sobre a existência dos objetos do mundo material, não em virtude de uma dúvida sobre os sentidos, mas por sua adoção do princípio de que as ideias são objetos imediatos das operações da mente. Este princípio, na compreensão reidiana, é por sua própria natureza cético. Em segundo lugar, defende-se que Berkeley assume de fato, em seu sistema, a noção de 'ideia' tal qual Reid lhe atribui, a saber, como uma entidade distinta da mente e de suas operações.

Palavras-chave: História da Filosofia – Thomas Reid – George Berkeley – Imaterialismo – Ceticismo

ABSTRACT

The paper advances two hypotheses concerning Thomas Reid's reading of George Berkeley's immaterialist system. First, it is argued that, on Reid's view, Berkeley is skeptic about the existence of the objects of the material world, not in virtue of a doubt about the senses but for his adoption of the principle that ideas are the immediate objects of the operations of mind. On Reid's view, that principle is a skeptical principle by its own nature. Secondly, it is argued that Berkeley really accepts in his system the notion of 'idea' such as Reid understands it, namely, as an entity distinct from mind and its operations.

Keywords: History of Philosophy – Thomas Reid – George Berkeley – Immaterialism – Skepticism